

REFERENCIAÇÃO: A (RE) CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE DISCURSO “TEMER” EM ARTIGOS DE OPINIÃO

Adriana Castro Barilo¹

RESUMO: Com o crescente acesso à informação, proporcionado por maior alcance da internet, a sociedade depara-se com conflituosas questões de vieses ideológicos. Assim, esse artigo se propõe a apresentar a síntese da pesquisa qualitativa, desenvolvida no Mestrado em Letras, da Universidade Vale do Rio Verde (UNINCOR), concluída no ano de 2019, cujo objetivo foi compreender como o objeto de discurso “Temer” foi caracterizado e recategorizado pelas revistas *Veja* e *CartaCapital*, antes, durante e após o processo de *impeachment* de Dilma Rousseff, ocorrido entre os anos de 2015 e 2017. Situada no escopo da Linguística Textual, esta pesquisa mobiliza conceitos teóricos de Koch, Marcuschi, Mondada e Dubois, dentre outros. Dentre os diversos elementos que colaboram na tessitura de um texto, este artigo oferece destaque ao objeto de discurso “Temer” em um gênero específico, o artigo de opinião. Os resultados da pesquisa demonstraram a importância da leitura ampla, evitando as chamadas “câmaras de eco”, onde a sociedade se fecha em bolhas, mantendo relações apenas com pessoas que compartilhem de seus pensamentos.

PALAVRAS-CHAVE: Referenciação; categorização; recategorização; artigos de opinião; Temer.

ABSTRACT: With increasing access to information, provided by wider reach of the internet, society is faced with conflicting ideological bias issues. Thus, this article proposes to present the synthesis of the qualitative research, developed in the Masters in Letters of the University of Vale do Rio Verde/UNINCOR, in the year 2019, whose objective is to understand how the subject of discourse “Temer” was characterized and recategorized located in the scope of Textual Linguistics, this research mobilizes the theoretical concepts of Koch, Marcuschi, Mondada and Dubois, among others. Among the various elements that collaborate in the fabrications of a text, this article highlights the subject of discourse “Temer” in a specific genre, the opinion article. The results of the research demonstrated the importance of broad reading, avoiding the so-called “echo chambers”, where society closes in bubbles, maintaining relationships only with people who share their thoughts.

KEYWORDS: Referencing; categorization; recategorization; articles of opinion; “Temer”.

Introdução

Se mirarmos o texto como forma de interação humana, concluiremos que todos eles traduzem um determinado tempo histórico, como também o pensamento da sociedade daquele tempo. Com a tecnologia chegando à maioria da população, e ampliando assim, o acesso às notícias, observa-se o aumento das avaliações e comentários sobre cada uma delas. Os temas políticos tornaram-se mais presentes, e esse público ficou também mais vulnerável às *fake news*², intensificadas pelo fato de cada usuário poder elaborar postagens repletas de posicionamentos e em muitos casos, com argumentações e fontes duvidosas.

¹ Mestre em Letras (UNINCOR). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1894873559125597>, E-mail: adbarilo@gmail.com.

² “*Fake News* são notícias falsas publicadas por veículos de comunicação como se fossem informações reais. Esse tipo de texto, em sua maior parte, é feito e divulgado com o objetivo de legitimar um ponto de vista ou prejudicar

As trocas de ideias promovidas pelas redes sociais intensificaram as divergências, tornando as oposições e os discursos de ódio mais evidentes. Os temas políticos tomaram as conversas virtuais, e como consequência, houve também, maior busca por textos que comentassem os fatos políticos e lançassem olhares sobre eles.

Propomos com esse artigo, analisarmos as formas de caracterização e recategorização pelas quais o objeto de discurso “Temer” passou entre 2015 e 2017.

Em estudos recentes sobre os efeitos da velocidade da informação em nossa sociedade, destacamos a importância das reflexões de Dudeney, Hockly e Pegrum (2016), quando ressaltam sobre as “câmaras do eco”, ou “casulos de informação”, nos quais, segundo eles, se encontram pessoas que dividam os mesmos pontos de vista, o que resulta no reforço daquela mesma ideia. Segundo os autores, essa personalização automatizada vista, por exemplo, no *feed*³ do Facebook, pode resultar na divisão em grupos de visões radicalmente diferentes. E concluem: “É vital que nossos estudantes aprendam a ir além dos espaços estritamente personalizados, a explorar perspectivas diversas e a lançarem um olhar crítico sobre os ‘fatos’ com que se deparam”. (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, p. 41)

Partindo destas reflexões, achamos pertinente a escolha de duas vertentes da mídia para estabelecermos um confronto de ideias, valorizando a prática de leitura livre de polarizações. O fechamento na referida “câmara de eco” nos comprova que grande número de leitores assiste, lê e busca informações apenas numa esfera midiática, por, na maioria das vezes, recusarem-se a ouvir e ler ideias opostas.

O artigo de opinião

Para melhor descrever nosso objeto de pesquisa, intencionamos mobilizar alguns pesquisadores para a compreensão do gênero “artigo de opinião”. De acordo com Borges e Mesquita (2011, p. 2),

uma pessoa ou grupo (geralmente figuras públicas)”. Cf. <https://brasilecola.uol.com.br/curiosidades/o-que-sao-fake-news.htm>. Acesso em 04 ago 2019.

³ O termo Feed vem do verbo em inglês “alimentar”. Na Internet, este sistema também é conhecido como “RSS Feeds” (RDF Site Summary ou Really Simple Syndication).

Na prática, Feeds são usados para que um usuário de internet possa acompanhar os novos artigos e demais conteúdo de um site ou blog sem que precise visitar o site em si. Sempre que um novo conteúdo for publicado em determinado site, o “assinante” do feed poderá ler imediatamente. Cf. <http://manualdatecnologia.com/dicas/voce-sabe-o-que-e-feed-aprenda-a-utilizar-essa-ferramenta-incrive/>. Acesso em 04 ago 2019.

o artigo de opinião é um gênero textual vinculado a jornais e revistas, em seções intituladas opinião ou artigo, de modo que é formulado por convidados pelo veículo de comunicação ou por pessoas que têm conhecimentos específicos, que lhes permitam tratar de assuntos de caráter social, político, histórico ou científico, considerados polêmicos. O objetivo desse tipo de gênero é o de formar a opinião crítica dos leitores, convencendo-os dos pontos de vista dos articulistas. Segundo as autoras, o artigo de opinião se dá, discursivamente, pelo modo de interação convencer e/ou persuadir, o que o caracteriza como essencialmente argumentativo.

Nas palavras de Borges e Mesquita (2011, p.1), por ser um gênero essencialmente argumentativo, os produtores de artigos de opinião lançam mão de diversos e diferentes recursos linguísticos, inclusive de outras tipologias textuais, como a narrativa, injuntiva e descritiva, para persuadir o leitor.

Assim, conforme dito anteriormente, a LT tem dado destaque ao estudo dos gêneros textuais, a fim de evidenciar, entre outros aspectos, os fatores que determinam a escolha do gênero no qual o enunciado pode ser estrutura, tendo em vista as intenções comunicativas do produtor do texto e a situação sociocomunicativa na qual está inserido, e qual o efeito de sentido que algumas categorias linguísticas têm no fio discursivo e como as cadeias referenciais estão a serviço da construção de objetos de discurso em gêneros específicos.

Desse modo, neste trabalho, entendemos que o artigo de opinião é um gênero que possibilita observar, de maneira bastante profícua, os processos de referenciação que concorrem para a construção de objetos de discurso, visto que esse gênero é

[...] caracterizado por tratar de assuntos controversos, cuja abordagem polêmica do autor visa à promoção do debate sobre problemas que envolvem a sociedade, tais como problemas políticos, científicos, culturais, sociais, etc. Sendo assim, o discurso argumentativo do artigo tem a finalidade de convencer ou persuadir o interlocutor, no sentido de que ele passe a compartilhar da opinião do locutor ou transformar sua visão sobre o assunto abordado. No artigo de opinião, as cadeias referenciais estão a serviço da argumentação do locutor, porque tanto servem para a construção da imagem dos referentes quanto para a construção da direção argumentativa do texto. (OLIVEIRA, 2017, p. 6).

A Linguística Textual e a Referenciação

Ao lermos dois artigos a respeito de um mesmo evento, com opiniões extremamente diversas, verificamos que o processo da referenciação é dinâmico e ressignificado no discurso. Os objetos serão construídos em coautoria do leitor, que fará suas inferências, lançando mão de experiências, conhecimentos cognitivos e culturais. Observa-se que na ocorrência da

referenciação, especialmente em artigos de opinião, os autores transformam as entidades em estáveis ou instáveis, de forma a moldar tais objetos de discurso a serviço do que querem dizer.

Assim sendo, mostra-se frutífero verificar como a definição de texto se apresentou em diferentes períodos. Bentes (2012, p. 266) considera que o conceito de texto foi delineado ao longo dos tempos, por diferentes sujeitos que se propuseram a longas reflexões e que levaram em conta diferentes contextos históricos.

Como bem nos lembra Koch (2015, p. 18) o conceito de texto vai depender das concepções que se tenha de língua e de sujeito. Assim, cada sujeito poderá imprimir o sentido que lhe esteja mais próximo. Se considerar a língua como código, o texto será visto como produto da codificação de um emissor a ser decodificado pelo leitor/ouvinte, isso se considerarmos que o texto, uma vez decodificado, será um texto explícito, levando o papel do “decodificador” como “essencialmente passivo.” (KOCH, 2015, p. 18).

Koch considera ainda que “na concepção interacional (dialógica) da língua, na qual os sujeitos são vistos como atores / construtores sociais, o texto passa a ser considerado o próprio *lugar* de interação e os interlocutores, como sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e são construídos.” (KOCH, 2015, p. 18)

Assim, a autora conclui que o evento comunicativo vai mobilizar diversos conjuntos de saberes e darão, assim, condições para uma série de produções de sentidos. Dessa forma, pode-se dizer que é na elaboração dos textos que se veiculam os sentidos presentes na linguagem. É considerando tais pressupostos que os artigos de opinião tornam-se perfeitos para o formato de análises aos quais nos dedicaremos, uma vez que os textos elencados trazem em seus elementos, características da concepção interacional onde autor e leitor construirão seus significados partindo dos eventos partilhados por eles.

Consideram-se, assim, como peças desse jogo, segundo, Koch, o produtor, o texto e o leitor/ouvinte. Segundo a autora, o produtor/planejador, utiliza-se de uma série de estratégias para imprimir seu “projeto de dizer”, construindo possíveis sentidos, através de sinalizações textuais (indícios, marcas, pistas).

A leitura das construções das imagens de Temer lança mão desse momento epistemológico de compreensão e interpretação de textos. Podemos pensar que a mesma reflexão, feita daqui a dez anos, sobre “Temer” alcançará resultados muito diferentes do que nos são possíveis, bem como as leituras sobre “Collor” em 2019 são muito diferentes das possíveis em 1992.

Fazendo uma reflexão sobre o *corpus* desta pesquisa, é possível entender as relações que se convergem entre os aspectos teóricos abordados até aqui e os acontecimentos políticos entre 2015 a 2017 no Brasil. O objeto de discurso Michel Temer, foi tema de diversos textos, sendo caracterizado e recategorizado por diversos jornalistas, pesquisadores e profissionais de comunicação. Nestes textos estiveram imbricadas, além das questões linguísticas, também questões cognitivas e sociais, capazes de compor um Michel Temer diferente a cada prisma de observação.

Koch enfatiza ainda que “as formas de referenciação são escolhas do sujeito em interação com outros sujeitos, em função de um querer- dizer. Os objetos de discurso não se confundem com a realidade extralinguística, eles a (re) constroem no próprio processo de interação”. (Koch, 2014, p.124). Segundo ela, a referenciação é dada como as diversas formas de introdução de novas entidades num dado texto.

[...] a referenciação é “uma atividade discursiva, onde o sujeito, por ocasião da interação verbal, opera sobre o material linguístico que tem à sua disposição e procede a escolhas significativas para representar estados de coisas, de modo condizente com a sua proposta de sentido”. (KOCH, 1999, 2002). Isto é, as formas de referenciação são escolhas do sujeito em interação com outros sujeitos, em função de um quere- dizer. Os objetos de discurso não se confundem com a realidade extralinguística, eles a (re)constroem no próprio processo de interação (KOCH, 2014, p.124).

E é na leitura de artigos de opinião que encontramos um vasto campo para reiterarmos tais afirmativas. O articulista tecerá os fios de suas ideias, até que o aparato persuasivo esteja traçado, contra ou a favor do objeto de discurso em questão. Nas palavras da autora: “a escolha de determinada descrição definida pode trazer ao leitor / ouvinte informações importantes sobre as opiniões, crenças e atitudes do produtor do texto, auxiliando-o na construção do sentido” (KOCH, 2015, p. 104). Assim sendo, reconhecemos tal perspectiva na construção textual dos artigos de opinião, que denota a posição assumida pelo autor na leitura do evento a que se refere, sendo um elemento importante da análise desse objeto.

Assim, quando os referentes apontam para frente, remetem para trás, ou servem de base para a entrada de novas referências, tem-se o processo de referenciação. Os objetos de discurso, conforme discutido até aqui, não são simples rótulos para designar as coisas do mundo, mas se constroem no interior do próprio discurso, de acordo com as percepções, crenças e com o objetivo comunicativo que está em jogo na interação.

As principais estratégias para a construção e reconstrução dos referentes textuais são: introdução (construção): ocorre quando um objeto até então não

mencionado é introduzido no texto, ocupando lugar de destaque; retomada (manutenção): ocorre quando um objeto já presente no texto é reativado por meio de uma forma referencial, mantendo-se em foco o objeto de discurso; e desfocalização: ocorre quando um novo objeto é lançado no texto, atraindo para si o foco. (KOCH, 2014 p.125-126).

Faz-se necessário relacionar a esta definição, um exemplo de nosso *corpus*: No artigo: “Temer se revelou um político menor”⁴, o subtítulo é: “A carta do vice é simbólica de um País que sente a falta de estadistas e está repleto de pulhas”. Percebe-se que no título, Roberto Amaral caracteriza o objeto de discurso Michel Temer como “um político menor”, já no subtítulo, dá-se a **desfocalização**, uma vez que o objeto de discurso passa a ser a carta. O leitor apenas construiria inferência se ele já tivesse conhecimento do evento e dos desdobramentos que a referida carta ocasionou no cenário nacional; ou ao menos, ao dar-se com a menção à carta, seguiria a leitura em buscar de elucidar-se a respeito do que esta se tratava.

Em outras palavras, “pode-se dizer que a progressão textual se dá com base no *já dito*, no que **será dito** e no que é **sugerido**, que se codeterminam progressivamente” (KOCH, 2015, p. 99, grifos da autora). Conforme a autora, **referir**, **remeter**, **retomar** são definidos da seguinte forma:

Referir, é uma atividade de designação realizável por meio da língua sem implicar uma relação especular língua-mundo; remeter é uma atividade de processamento indicial na cotextualidade; retomar é uma atividade de continuidade de núcleo referencial, seja numa relação de identidade ou não. Ressalte-se mais uma vez, que a continuidade referencial não implica referentes sempre estáveis nem identidade entre referentes. (KOCH, 2015, p. 98-99).

Trazendo a definição acima para um exemplo de nosso *corpus*, no artigo de Maurício Dias, intitulado “Até tu, Michel Temer?”⁵, publicado em 06/11/2015, momento em que se antecedia ao *impeachment* de Dilma Rousseff, observa-se que o assunto refere a Michel Temer, o título “Até tu, Temer?” remete ao episódio do assassinato a punhaladas do imperador romano Júlio César pelos senadores romanos, entre os quais estava seu filho adotivo Marcus Brutus. Ao reconhecê-lo entre os assassinos, o Imperador teria dito “Até tu, Brutus, filho meu?”⁶, que com o tempo adquiriu o sentido de surpresa diante de uma traição.

⁴ Cf. <https://www.cartacapital.com.br/politica/temer-se-revelou-um-politico-menor/>. Acesso em 04 ago 2019.

⁵ Cf. <https://kaosenlared.net/brasil-ate-tu-michel-temer/>. Acesso em 04 ago 2019.

⁶ Cf. <https://www.terra.com.br/noticias/educacao/voce-sabia/de-onde-veio-a-expressao-ate-tu-brutus,f518d8aec67ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>. Acesso em 14 mai 2018.

O subtítulo do artigo serve ao propósito de direcionar a interpretação da primeira metáfora. Nele consta que “o documento do PMDB intitulado ‘Uma ponte para o futuro’ é uma estocada traiçoeira contra Dilma”, a escolha lexical **estocada** remete diretamente à proposta metafórica do título, apontando inclusive para o posicionamento do autor em relação ao evento que relata e opina.

Não só a punhalada nas costas é exemplo de traição. Há outros recursos, também traiçoeiros, embora mais sutis, como o recente documento difundido pelo PMDB, de Norte a Sul do País, denominado “Uma ponte para o futuro”, e chancelado por Michel Temer, presidente do partido, como proposta de “debate interno”. O PMDB avisa que fala para dentro, mas fala mesmo é para fora. (grifo nosso).⁷

No trecho do artigo acima, constata-se que o autor se refere a Michel Temer já no título, trazendo-o vinculado a uma célebre frase que aciona de imediato o significado de traição. Mesmo aquele leitor que ignorasse o episódio histórico de Marco Antônio e Brutus, já por algum momento, pode ter ouvido essa frase empregada no sentido de traição. Com tal estratégia observa-se a construção de Temer como traidor. A manutenção desse objeto de discurso acontece com as escolhas lexicais “estocada traiçoeira contra a Dilma” e “recursos traiçoeiros”.

Koch e Marcuschi (1998, p. 60) defendem que a discursivização ou textualização do mundo por meio da linguagem não consiste em um simples processo de elaboração de informações, mas num processo de (re)construção do próprio real e afirmam:

Sempre que usamos uma forma simbólica, manipulamos a própria percepção da realidade de maneira significativa. É dessa assunção que decorre a proposta de substituir a noção de *referência* pela noção de *referenciação*, tal como postula Mondada e Dubois (2011): Ela [a referenciação] não privilegia a relação entre as palavras e as coisas, mas a relação intersubjetiva e social no seio da qual as versões do mundo são publicamente elaboradas, avaliadas em termos de adequação às finalidades práticas e as ações em curso dos enunciadores (p.9). (KOCH, 2009, p. 60-61, grifos da autora).

Mondada e Dubois, que se dedicaram aos estudos da referenciação, mencionam que em diversos quadros conceituais, a questão de saber como a língua refere o mundo tem sido colocada. Segundo as autoras, se as respostas são diferentes, a maior parte delas pressupõe correspondência entre palavras e as coisas. Tais correspondências podem ser dadas, preexistente e perdida, ou recuperar, encontrar no exercício da atividade científica, como elas exemplificam. (MONDADA; DUBOIS, 2016, p. 18).

⁷ Cf. <https://kaosenlared.net/brasil-ate-tu-michel-temer/>. Acesso em 04 ago 2019.

Quanto à categoria lexical, as autoras impõem um ponto de vista, um domínio semântico de referência, apontando explicitamente para a não-correspondência entre as palavras e as coisas e que emergindo da exibição desta distância, estaria a referenciação. Assim, a transformação discursiva conduziria a melhor adequação das categorias lexicais. (MONDADA; DUBOIS, 2016, p. 33).

Para elas, “os objetos não são dados segundo as ‘propriedades intrínsecas do mundo’, mas construídos através dos processos cognitivos dos sujeitos aplicados ao mundo concebido como um fluxo contínuo de estímulos”. (MONDADA; DUBOIS 2016, p. 35). Assim, conclui-se que o processo de referenciação é dinâmico e ressignificado no discurso.

Sendo a referenciação um processo que será sempre ressignificado ao longo do discurso, por refletir os fenômenos vivenciados pelos sujeitos que compartilham esse discurso, justifica a razão pela qual Michel Temer atravessasse um período de pouco mais de dois anos sendo categorizado por vice-presidente, presidente interino e presidente da república. O contexto histórico que se deu nesse tempo, explica também o fato desse objeto de discurso ser ainda categorizado por uns como “golpista” e por outros como “única pessoa capaz de tirar o Brasil da crise”.

Progressão textual

Entende-se como progressão textual as formas pelas quais um texto se constrói em suas referências. Koch (2015, p. 99) enfatiza que um texto não se dá com continuidade linear, necessariamente progressiva, somando elementos novos com outros já citados em momentos anteriores, como se fosse possível uma soma progressiva e unilateral de partes. Segundo a autora, esse processamento textual se fará com uma oscilação entre diversos movimentos: para frente (projetivo, ou seja, adicionando significados à medida que se processa a leitura) e para trás (retrospectivo, retomando elementos já apresentados), representáveis pela catáfora e anáfora. (KOCH, 2015, p. 99).

Koch (2014, p. 127) ao destacar os dois tipos dos processos de introdução de referentes textuais, menciona os termos: “ativação ancorada” e “não-ancorada”. Segundo a autora, a introdução será não ancorada quando um objeto de discurso totalmente novo for introduzido no texto. Já a ativação ancorada, segundo Koch, será a introdução do novo objeto de discurso no

texto, tendo como base algum tipo de associação com elementos já presentes no cotexto ou contexto sociocognitivo.

A anáfora, como mecanismo linguístico, é usada para apontar ou remeter para elementos presentes no texto, ou que sejam inferíveis a partir dele. Assim, a anáfora tem sido concebida como um meio de tipificar os referentes evolutivos. Há dois tipos de anáforas: a direta e a indireta. A anáfora direta seria a remissão para trás, ou seja, para algo ou alguém já mencionado no texto (por ex: Paulo saiu; *ele* foi ao cinema). A autora ainda exemplifica a anáfora indireta: “Só quero *isto*: que vocês me entendam”. (KOCH, 2014, p. 127).

Por outro lado, Mônica Cavalcante diz que, para haver anáfora, é preciso que expressões referenciais anafóricas ancorem em pistas do cotexto, que podem apontar para trás, ou para frente, ou até para ambas as direções. E exemplifica: “A professora ensina Matemática a Joãozinho. *O garoto* não compreende”. O referente de “Joãozinho” é retomado pela expressão anafórica “*o garoto*”. (CAVALCANTE, 2011, p.55, grifo da autora)

Cavalcante explica que a anáfora associativa corresponde à anáfora direta e a anáfora inferencial é a mesma da anáfora indireta, esta última exige maiores percepções da situação enunciativa, como também informações do conhecimento culturalmente compartilhado, dados que são fornecidos, segundo ela, pelos próprios desenvolvimentos textual e argumentativo. (CAVALCANTE, 2011, p. 63)

Outra estratégia, de igual importância é a anáfora encapsuladora, Monica Cavalcante (CAVALCANTE, 2011, p. 71), ressalta que ela não retoma nenhum objeto de discurso pontualmente, mas se prende a conteúdos espalhados pelo texto. A autora lembra que há uma recuperação difusa de informações e que este é o traço mais típico das anáforas encapsuladoras; é o que lhes confere também o caráter de anáforas indiretas, por ser não correferencial e ter um poder de resumir informações cotextuais e contextuais. Outro fator de relevância lembrado pela autora é que a diferença crucial entre estes encapsuladores e os anafóricos indiretos é que resumem, “encapsulam”; conteúdos inteiros, precedentes ou não precedentes. (CAVALCANTE, 2011, p. 73).

Encontramos o funcionamento da anáfora direta no último parágrafo do artigo de opinião “Até tu, Michel Temer”⁸, escrito por Maurício Dias, publicado no *site* da revista *CartaCapital* em 16 de novembro de 2017, o qual analisaremos a seguir:

⁸ Cf. <https://kaosenlared.net/brasil-ate-tu-michel-temer/>. Acesso em 04 ago2019.

[...] É claro, para o ex-presidente tucano, que a solução requer a saída de Dilma. Ascenderia ao lugar dela o vice, **Michel Temer**, com o compromisso de cumprir o restante do mandato. **Ele** não disputaria a eleição de 2018. Essa articulação traiçoeira tem o propósito de deixar a porta aberta para o candidato do PSDB ou, quem sabe, para José Serra entrar com o uniforme do PMDB. (AMARAL, 2015, grifos nossos)⁹

As anáforas indiretas, por sua vez, caracterizam-se pelo fato de não existir no cotexto um antecedente explícito, “mas, sim, um elemento de relação que se pode denominar de **âncora** e que é decisivo para a interpretação” (KOCH; ELIAS, 2014, p. 128, grifos das autoras).

Outras questões imbricadas ao *corpus* fazem-se necessárias em nossa pesquisa. Assim, veremos algumas concepções de texto, contexto e discurso.

Análise do *corpus*: um contraste ideológico em artigos de opinião

Nosso *corpus* consiste em 4 artigos de opinião das revistas *CartaCapital* e três da revista *Veja*. Conforme já dito anteriormente, os referidos artigos de opinião foram extraídos de um período que compreende entre 2015 a 2017, e abordam fatos relacionados a Michel Temer. Para efeito de análise, o evento foi dividido em três partes, lançando um olhar ao principal articulador do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff, de sua atuação como interino, e daquele que assumiu o país ao longo desta crise política em que o país se mergulhou.

Partimos da polêmica carta de Michel Temer escrita a então presidente Dilma Rousseff, em dezembro de 2015, uma vez que se considera como o marco de uma mudança sócio-política no cenário brasileiro, e por isso ela agiu como um motivador para investigarmos os processos de referenciação a Michel Temer em artigos de opinião.

Dessa forma, entende-se que os sentidos se constroem no processo comunicativo, na interação entre os sujeitos e, para isso, há uma ordenação específica, um princípio organizacional, a que se dá o nome de textualidade.

Considerando a reflexões de Harris, é possível relacioná-las à leitura de mais um trecho do artigo de Maurício Dias, “Até tu, Michel Temer?”¹⁰, publicado em 06 de novembro de 2015.

“Não por acaso, as propostas do PMDB divulgadas no dia 29 de outubro, convergem para o artigo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso publicado em *O Globo*, dois dias depois, onde ele diz: “A saída da crise” requer a formação “de um novo consenso nacional”.

⁹ Cf. <https://kaosenlared.net/brasil-ate-tu-michel-temer/>. Acesso em 04 ago2019.

¹⁰ Cf. <https://kaosenlared.net/brasil-ate-tu-michel-temer/>. Acesso em 04 ago2019.

Trata-se “de dar um novo rumo ao país na busca de melhor sociedade futura”. FHC alerta para a necessidade de um consenso nacional para juntarmos forças ao redor de um caminho mais claro para o futuro. (...) É claro, para o ex-presidente tucano, que a solução requer a saída de Dilma. Ascenderia ao lugar dela o vice, **Michel Temer**, com o compromisso de cumprir o restante do mandato. **Ele** não disputaria a eleição de 2018. Essa articulação traiçoeira tem o propósito de deixar a porta aberta para o candidato do PSDB ou, quem sabe, para José Serra entrar com o uniforme do PMDB.¹¹

Mostra-se necessária a mobilização de diversos elementos para a compreensão deste trecho do artigo acima, tais como considerar a data do artigo e o contexto político em que o texto foi produzido; quem foi o autor que o produziu e quais suas ideologias manifestas no texto, que esfera dentro do espectro do jornalismo ele representa; o leitor ainda precisaria mobilizar conhecimentos pessoais, como quem foi Fernando Henrique Cardoso, que papel desempenhou no Brasil e em qual partido; o que ele estaria querendo dizer com “juntarmos forças ao redor de um caminho mais claro para o futuro”? Por outro lado, a respeito da frase seguinte, quando o articulista faz sua conclusão: “É claro que para o presidente tucano, que a solução requer a saída de Dilma”. Com o uso do operador argumentativo “é claro”, Maurício Dias traz obviedade a sua afirmação, o que o coloca em posição de defesa a então presidente Dilma. Através de uma catáfora, ele prevê a ascensão de Temer: “ascenderia no lugar dela o vice, Michel Temer, com o compromisso de cumprir o restante do mandato”; para a compreensão global do trecho seria necessário mobilizar os últimos acontecimentos e a possibilidade do *impeachment* de Dilma Rousseff. “Ele não disputaria a eleição de 2018. Essa articulação traiçoeira tem o propósito de deixar a porta aberta para o candidato do PSDB ou, quem sabe, para José Serra entrar com o uniforme do PMDB”. O articulista expõe sua opinião, localizando-se contra a manobra política, com a escolha lexical “articulação traiçoeira”, causando o efeito de sentido negativo, além disso, ao dizer que José Serra entraria como candidato com o uniforme do PMDB, exigiria por parte do leitor o conhecimento de que este político sempre foi do PSDB e estaria sendo feita uma aliança.

Assim, a leitura de um simples texto, exige a mobilização de diversos elementos que estão no cotexto e no contexto em que foi escrito. Mobilizando ainda um conhecimento do entorno anterior e posterior ao que está sendo lido.

O período *pré-impeachment* iniciou-se com a abertura do processo acerca da improbidade administrativa da presidente em exercício Dilma Rousseff. Nesse momento, uma

¹¹ Cf. <https://kaosenlared.net/brasil-ate-tu-michel-temer/>. Acesso em 04 ago2019.

série de autoridades se pronunciou favorável e desfavoravelmente à acusação, cujos mirantes não foram negligenciados pelos articulistas. Tendo isso em vista, verificaremos como Reinaldo Azevedo, para a revista *Veja.com*, e Roberto Amaral, para a revista *CartaCapital*, categorizaram o objeto de discurso Temer, que na ocasião ocupava o cargo de vice-presidente. No artigo de Reinaldo Azevedo, intitulado “Planalto vaza carta de Temer a Dilma, dá tiro no próprio pé e esquenta clima pró impeachment”¹² retratado o momento em que a então presidente Dilma faz a leitura da carta enviada por Temer. Sua perplexidade fica evidente, eternizada por sua imagem, no momento em que estarecida, lia a missiva. A imagem viralizou a ponto de ser usada em diversos textos jornalísticos e artigos.

Entretanto, é importante salientar que na busca por artigos que expressassem defesa a Temer, após a divulgação da referida carta à presidente Dilma, houve grande dificuldade, uma vez que os diversos textos a respeito deste tema tenham sido depreciativos a sua atitude. No quadro construído, foram elencadas as seguintes caracterizações ao objeto de discurso “Temer”: Temer (pessoa): (A carta de Temer); vice-presidente; vice-presidente da República; homem educado; vítima (de tratamento truculento por parte do planalto); vítima de assédio (assediado brutalmente pelos palacianos), Vítima de Calúnia; leal.

O título do artigo já retoma a pessoa de Temer como o autor da carta, mas de forma oblíqua; o verdadeiro ator dos eventos é o Planalto, instituição e não pessoa, que conforme Reinaldo relata, divulga a carta, dando “tiro no próprio pé” e “esquentando clima *pró-impeachment*”. No subtítulo, o conteúdo da carta é melhor apresentado: nela, o **vice-presidente** “demonstra que titular não confia nem nele nem no PMDB e deixa claro que assim sempre será”. Reconhece-se o jogo de palavras entre “vice-presidente” e “titular”: apontando Temer como “reserva”, que é justamente o motivo que o leva a se pronunciar. Reinaldo já elabora sua versão a respeito do polêmico fato, revelando seu contundente estilo de escrita, repleto de posicionamentos e argumentos.

O terceiro artigo, apenas dois dias após a publicação do artigo de Reinaldo Azevedo, na revista *Veja*, foi publicado na revista *CartaCapital* com o seguinte título: “Temer se revelou um político menor”¹³ cujo subtítulo é: “A carta do vice é simbólica de um País que sente a falta de estadistas e está repleto de pulhas”.

¹² Cf. <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/planalto-vaza-carta-de-temer-a-dilma-da-tiro-no-proprio-pe-e-esquenta-clima-pro-impeachment/>. Acesso em 4 ago 2019.

¹³ Cf. <https://www.cartacapital.com.br/politica/temer-se-revelou-um-politico-menor/>. Acesso em 04 ago 2019.

Reforçamos que a publicação deste artigo é de apenas dois dias após o artigo anterior, o que configura ainda os desdobramentos da polêmica carta de Temer à Dilma. O país já se encontrava separado por simpatizantes dos partidos de direita e esquerda, assumindo uma luta partidária. O que mais se ouvia era a acusação ou defesa a Temer como golpista ou não golpista.

A carta de Michel Temer à presidente Dilma, foi seguramente algo que se desdobrou em inúmeros textos, memes, charges sobre o acontecimento. Roberto Amaral não se furtou a se manifestar de maneira incisiva, dando um parecer repleto de adjetivações ao protagonista. Em outro quadro construído, foram elencadas as seguintes caracterizações a Temer: Um político menor; vice; vice-presidente do PMDB; Presidente do PMDB; traidor doméstico; o mais pérfido de todos; traste; obnóxi; carreirista voraz; o desconsiderado Temer; o vice da presidente candidata à reeleição; vaidoso.

Se por um lado, Reinaldo Azevedo caracteriza Michel Temer como vítima de um governo que o despreza, e que não lhe resta nada a fazer a não ser o rompimento com a presidente. De outro lado, Roberto Amaral, caracteriza e recharacteriza Temer como alguém movido pelo ódio, pautado apenas por interesses vis e mesquinhos, capaz de envergonhar os políticos brasileiros.

Com tais estratégias discursivas, percebemos o quanto este objeto de discurso se torna ambíguo, ora assumindo um papel de vítima, ora de réu. Conclui-se com isso que, o objeto de discurso estará sempre instável, sendo amparado e construído pelo mirante do autor e de suas ideologias.

Nos seguidos artigos, que abordaram tanto o período em que Temer assumiu interinamente a presidência, como os artigos que avaliaram seu primeiro ano de governo, observou-se as variações existentes, reiterando as reflexões teóricas levantadas nessa pesquisa.

Quadro Geral das análises

Período Pré- impeachment (Usado nas exemplificações do capítulo teórico)				
Nº	DATA E TÍTULO DO ARTIGO	AUTOR/REVISTA	CARACTERIZAÇÃO E RECATEGORIZAÇÕES SOFRIDAS PELO OBJETO DE DISCURSO “TEMER”	RESULTADOS (Efeitos de sentido)
1	06.11.2015 Até tu, Michel Temer?	Maurício Dias/ <i>CartaCapital</i>	- Até tu, Michel Temer? -Michel Temer - O PMDB (representado por Temer) - Ele -Presidente do PMDB	Embora as caracterizações tenham sido moderadas, os efeitos de sentido de outras escolhas lexicais, unidas ao uso da intertextualidade,

				remetendo o leitor a Brutus, filho adotivo que desferiu uma facada ao pai, Júlio César. Outras escolhas, como: “estocada” compara o documento “Uma ponte para o futuro”, publicado pelo PMDB, como uma facada em Dilma(a então presidente do Brasil); Temer foi recategorizado como um traidor).
Período Pré- impeachment				
2	08.12.2015 Planalto vaza carta de Temer a Dilma, dá tiro no próprio pé e esquentava clima pró- <i>impeachment</i> .	Reinaldo Azevedo/ <i>Veja.com</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Temer (pessoa): A carta de Temer. -Vice-presidente da República - Homem educado. -vítima (de tratamento truculento por parte do planalto). -vítima de assédio (assediado brutalmente pelos palacianos). -vítima de calúnia. - leal 	Outro caso em que as caracterizações são brandas, porém as outras estratégias corroboram para a construção de Temer como alguém que é apenas vítima. Ao abordar em seu texto, mais uma vez, a carta de Temer, (porque diversos articulistas trouxeram na para discussão em seus artigos), Reinaldo abre a seus leitores a manutenção num tema de interesse para aquele momento, oferecendo novo prisma de análise. Porém, vem na contramão, idealizando o olhar de Temer ao evento.
3	10.12.2015 Temer se revelou um político menor.	Roberto Amaral/ <i>CartaCapital</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Temer - um político menor -Vice - Vice-presidente da República - Presidente do PMDB - Traidor doméstico - O mais pífido de todos - Vice-decorativo - Traste - Obnoxio - Carreirista voraz - o desconsiderado Temer - o vice da presidente candidata à reeleição - vaidoso - Estadista Michel Temer 	O autor garante a desconstrução de boas imagens que qualquer articulista tenha desenhado em seu artigo. Além de suas caracterizações serem depreciativas, outras estratégias (como: progressões referenciais, paralelismos sintáticos, dentre outros recursos...) constroem Temer como alguém menor, capaz de atitudes pequenas para conquistar objetivos escusos.

Período Pós- impeachment. (Temer como interino)				
4	05.08.2016 Temer é vaiado ao abrir os Jogos Rio-2016.	Carolina Faria/ <i>Veja.com</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Temer - Presidente interino - Michel Temer - interino - O peemedebista - preparadíssimo (diz Temer sobre si, a respeito das vaís que ouviria). 	Algumas escolhas lexicais de Carolina promovem uma possível construção de Temer como alguém “preparadíssimo” para enfrentar o que viesse pela frente, tanto como interino, quanto como presidente da república. Observa-se maior neutralidade em sua escrita, limitando-se a relatar o evento pelo simples evento.
5	19.08.2016 Espinhas no caminho de Temer.	André Barrocal/ <i>CartaCapital</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Temer - Michel Temer - Presidente interino - Ele - O interino - Peemedebista - Temeristas (adeptos às ideias de Temer) - “governo provisório” - Gestão interina - refém das circunstâncias - senhor da situação 	O artigo intitulado como: “Espinhas no caminho de Temer” remete a um dos ditados populares que nos lembra da necessidade de lidarmos com os espinhas se quisermos desfrutar do perfume das flores. Apesar das caracterizações ao objeto de discurso serem brandas, por diversos momento da leitura, pode-se perceber a construção de um Michel Temer impopular e “num beco sem muitas saídas”.
Período Pós- impeachment. (Análise de 1 ano do governo Temer)				
6	15.05.2017 Temer ano 1: Ele não errou, mas os antipetismos só fazem asneiras.	Reinaldo Azevedo/ <i>Veja.com</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Temer - Ele - Presidente - Michel Temer - O presidente 	O título oferece o posicionamento do articulista na avaliação de 1 ano do governo Temer. Mais um artigo que oferece pouca expressão de valoração a Temer, entretanto, Reinaldo vale-se de estratégias bem próprias como: quebras do texto com subtópicos, letras em caixa alta, negrito, expressões coloquiais, operadores argumentativos como “no entanto”, “é claro”, para construir um objeto de discurso como o único

				com atributos suficientes para tirar o Brasil da “selva escura”.
7	15.05.2017 12 retrocessos em 12 meses de Temer.	Guilherme Boulos/ <i>CartaCapital</i>	- Temer - “essa turma” (o governo de Temer) - Pressionado - O Estado - Ele	Guilherme Boulos também se valeu de caracterizações bastante triviais a Michel Temer, mas não economizou em análises a atitudes negativas do governo. Já o título o articulista apresenta seu argumento maior, o de que Temer tenha cometido 1 grave retrocesso para cada mês seu governo. No uso de anáforas associativas, intertextualidade, progressões referenciais Boulos reforça sua opinião sobre Temer, como um político nada democrata, passível de responder a processos judiciais, insensível quanto a temas sociais, entreguista e retrógrado.

Considerações finais

Vale a pena ressaltar que as reflexões sobre os processos referenciais aliados ao resgate de momentos históricos de extrema importância para o Brasil, resultaram numa pesquisa bastante interessante. Afinal, o período histórico vivenciado pelo Brasil desde o segundo semestre de 2015 até o primeiro semestre de 2017 estará, como dos mais relevantes dos últimos tempos. Embora até o final de 2018, ainda tenhamos sido arrebatados com surpresas e apreensões ainda maiores, a delimitação deste recorte temporal fez-se necessária para que nosso estudo não se perdesse em meio ao número elevado de acontecimentos e em função disso, maiores seriam as opções para a escolha de nosso objeto de estudo.

O *corpus* se deu com a seleção de artigos que fossem escritos sob uma mesma motivação, sob um mesmo momento político em que dois articulistas, um de ideologia de “esquerda” e outro de ideologia de “direita”, trouxessem comentários e avaliações de Michel Temer mediante os diversos momentos: o momento *pré-impeachment*, o período em que ele foi

presidente interino e finalmente, quando avaliam o período de um ano de presidência da República.

No que se refere aos objetivos específicos, o primeiro: Verificar quais estratégias de referenciação são mais recorrentes na construção e reconstrução do objeto de discurso “Temer”, podemos concluir que cada articulista, em seu estilo próprio, lança mão de alguma estratégia. Cada artigo trouxe consigo maiores ou menores números de caracterizações, anáforas associativas, progressões referenciais e paralelismos sintáticos. O segundo objetivo, observar como este objeto de discurso é categorizado e recategorizado nos artigos em questão, seguiram-se contemplados, uma vez que foram abordados ao longo de cada análise, conforme podemos constatar nos quadros de caracterizações. Como ainda o terceiro objetivo: analisar quais efeitos de sentido essas estratégias têm para a construção desse objeto nos artigos de opinião, também tenha sido trabalhado no desenrolar das análises, quando destacamos os trechos em que a caracterização não se deu por adjetivações, mas através de outras estratégias mais elaboradas na intenção de provocar no leitor os efeitos pretendidos: Como no artigo 2 em que Reinaldo Azevedo afirma que Michel Temer respondia ao assédio brutal dos palacianos, tal efeito de sentido seria enxergá-lo como uma vítima. Ou no artigo 7 em que Boulos, apesar de não usar nenhuma adjetivação mais eloquente, no uso de outras estratégias discursivas, traz os efeitos de que Temer poderia responder à processos judiciais, é insensível quando os temas são voltados ao social, entreguista e retrógrado.

No desenrolar desse artigo, além da importância das competências leitoras, outro fator que merece destaque é o fato de que a demanda de leitura de artigos de opinião como também de textos jornalísticos, vem aumentando. A população está cada vez mais interessada pelas questões político-sociais. Em vista disso, é preciso, acima de tudo, discernimento para lê-las. Há um risco de se acreditar no que se lê nos dias de hoje, se consideramos que a população é a cada dia mais interpelada por inúmeras reportagens, sem aprofundar aqui sobre as *Fake News*. Diante disso, é fundamental que estejamos atentos para isso, ampliando nosso olhar e nossas referências.

Fica assim, a certeza de que este estudo muito contribuirá para reflexões de tais questões tão pertinentes em nossos tempos, além de contribuir para um registro do emblemático período político vivido neste país.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Roberto. Temer se revelou um político menor. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/politica/temer-se-revelou-um-politico-menor>. Acesso em 20 mai 2018.
- AZEVEDO, Reinaldo. Planalto vaza carta de Temer a Dilma, dá tiro no próprio pé e esquento clima pró-impeachment. Disponível em <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/planalto-vaza-carta-de-temer-a-dilma-da-tiro-no-proprio-pe-e-esquento-clima-pro-impeachment/>. Acesso em 09 mar 2019.
- BENTES, Ana Christina. Linguística Textual. In: BENTES, Ana Christina; MUSSALIM, Fernanda. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, vol. I. São Paulo: Cortez, 2012, p. 259- 301.
- BORGES, Andréa Lopes; MESQUITA, Elisete Maria de Carvalho. *Artigo de opinião ou outro gênero*. In: *Anais do SILEL*. Volume 2, Número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- DIAS, Mauricio. “Até tu, Michel Temer”. Disponível em <https://goo.gl/vDtcXg>. Acesso em 14 mai 2018.
- DUDENEY, G.; HOCKLY, N.; PEGRUM, M. *Letramentos digitais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- KOCH, I. V. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Cortez, 2003.
- KOCH, Ingedore Vilaça; FÁVERO, Leonor Lopes. “A linguística textual”. In: _____. *Linguística textual: Introdução*. São Paulo: Cortez, 2012, p. 15-34.
- KOCH, Ingedore Vilaça; ELIAS Vanda Maria, In: *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2014.
- KÖCHE, Vanilda. *Leitura e produção textual: gêneros textuais de argumentar e expor*. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- MONDADA, Lorenza e DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alena (orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2016. p.17-52.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Linguística de texto: o que é e como se faz?* São Paulo: Parábola editorial, 2012.
- OLIVEIRA, Eliane Feitoza. Progressão referencial: uma análise das estratégias de referenciação mobilizadas em artigos de opinião. *Recorte*. v. 14, n. 1 (janeiro-junho - 2017). Disponível em <http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/4034>. Acesso em 25 jun 2018.

**Artigo recebido em agosto de 2019.
Artigo aceito em novembro de 2019.**